

A PRODUÇÃO LITERÁRIA LUDOÉTNICA “A MOQUECA DAS MARIAS”, NO BAIRRO SÃO BENTO DAS LAJES - SFC: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DECOLONIAL

Flavia Querino da Silva¹

Emily Alves Cruz Moy²

Fabricio de Sena Ferreira³

Resumo

Este artigo discute a produção literária por crianças como uma prática pedagógica decolonial, à luz dos estudos de etnicidade de Fredrik Barth, e apresenta estratégias para sua implementação em contextos educacionais. A partir de uma abordagem etnográfica, analisamos como a produção literária pode ser uma ferramenta valiosa para promover a descolonização do pensamento e da educação, ao mesmo tempo em que valoriza a cultura local e fomenta a inclusão e a diversidade. O estudo tem como base uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental I, na Escola Maria das Dores Alves, em São Francisco do Conde (BA), cuja proposta culminou na construção coletiva do livro *A Moqueca das Marias*. A atividade envolveu processos de escuta, autoria e criação coletiva, articulando múltiplas linguagens — oral, escrita, artística e performática — por meio de metodologias participativas. Os estudantes produziram textos, ilustrações, uma peça teatral e um samba inspirados na narrativa construída, revelando o potencial da produção literária ludoétnica como estratégia de resistência, de fortalecimento identitário e de transformação das relações étnico-raciais no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Decolonial; Produção Literária; Identidade; Crianças; Relações Étnico-Raciais.

The Ludoethnic Literary Production *A Moqueca das Marias*, in the São Bento das Lajes Neighborhood – SFC: A Decolonial Pedagogical Practice

Abstract

This article discusses children's literary production as a decolonial pedagogical practice, in light of Fredrik Barth's studies on ethnicity, and presents strategies for its implementation in educational contexts. Based on an ethnographic approach, we analyze how literary production can be a valuable tool for

¹ Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Secretaria Municipal de Educação de São Francisco do Conde, <https://lattes.cnpq.br/4509971776000133>, flaviaquerino4@yahoo.com.

² Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, <https://lattes.cnpq.br/9914374750610404>, emilymoy@uesb.edu.br

³ Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural, Secretaria Municipal de Educação de São Francisco do Conde. <http://lattes.cnpq.br/8292929839056284>, fabricio.setursfc@gmail.com.

promoting the decolonization of thought and education, while also valuing local culture and fostering inclusion and diversity. The study is grounded in a pedagogical experience developed with 4th-grade elementary school students at Maria das Dores Alves School, in São Francisco do Conde (Bahia, Brazil), which culminated in the collective creation of the book *A Moqueca das Marias*. The activity involved processes of listening, authorship, and collective creation, articulating multiple forms of expression — oral, written, artistic, and performative — through participatory methodologies. The students produced texts, illustrations, a theatrical play, and a samba inspired by the constructed narrative, revealing the potential of ludoethnic literary production as a strategy of resistance, identity strengthening, and transformation of ethnic-racial relations within the school environment.

Keywords: Decolonial Education; Literary Production; Identity; Children; Ethnic-Racial Relations.

La Producción Literaria Ludoétnica *La Moqueca de las Marías*, en el Barrio São Bento das Lajes – SFC: Una Práctica Pedagógica Decolonial

Resumen

Este artículo analiza la producción literaria por parte de niños y niñas como una práctica pedagógica decolonial, a la luz de los estudios sobre etnicidad de Fredrik Barth, y presenta estrategias para su implementación en contextos educativos. A partir de un enfoque etnográfico, se examina cómo la producción literaria puede ser una herramienta valiosa para promover la descolonización del pensamiento y de la educación, al mismo tiempo que valora la cultura local y fomenta la inclusión y la diversidad. El estudio se basa en una experiencia pedagógica desarrollada con estudiantes de cuarto grado de la Escuela Maria das Dores Alves, en São Francisco do Conde (Bahía, Brasil), cuya propuesta culminó en la creación colectiva del libro *La Moqueca de las Marías*. La actividad involucró procesos de escucha, autoría y creación colectiva, articulando múltiples lenguajes —oral, escrito, artístico y performático— mediante metodologías participativas. Los estudiantes produjeron textos, ilustraciones, una obra teatral y un samba inspirados en la narrativa construida, revelando el potencial de la producción literaria ludoétnica como estrategia de resistencia, fortalecimiento identitario y transformación de las relaciones étnico-raciales en el entorno escolar.

Palabras clave: Educación Decolonial; Producción Literaria; Identidad; Infancia; Relaciones Étnico-Raciales.

NO INTERIOR DE UMA PANELA DE BARRO FERVEM SABORES, MEMÓRIAS, IDENTIDADES E HISTÓRIAS.

No interior de uma panela de barro, fervem mais do que sabores: ali se misturam memórias, identidades e histórias que atravessam gerações. Como a moqueca que dá nome ao livro construído pelas crianças da Escola Três Marias, a educação que propomos também se faz em camadas — temperada pela escuta, cozida no fogo lento do cotidiano escolar e servida como partilha. É nesse movimento, entre o território e a palavra, entre a infância e o saber ancestral, que este artigo encontra seu ponto de partida.

A descolonização da educação tem se revelado um tema central nos debates educacionais contemporâneos, especialmente no que tange ao reconhecimento e valorização dos saberes e experiências historicamente marginalizados. Conforme Santos (2019, p. 23), “a descolonização da educação implica questionar e subverter as narrativas dominantes que têm sido usadas para silenciar e marginalizar as vozes e experiências de grupos historicamente oprimidos”. Nesse contexto, a produção literária por crianças emerge como uma estratégia potente para promover a criatividade e a expressão dos sujeitos infantis, ao mesmo tempo em que desafia estruturas tradicionais de poder e conhecimento.

O trabalho desenvolvido na Escola Maria das Dores Alves, localizada no bairro São Bento das Lajes, que é uma comunidade situada às margens da Baía de Todos os Santos, composta, em sua maioria, por marisqueiras e pescadores artesanais, em São Francisco do Conde-BA, materializa essa perspectiva ao propor a construção coletiva do livro *A Moqueca das Marias*. Essa prática pedagógica ludoétnica foi realizada com alunos do 4º ano B, no ano de 2017, envolvendo processos democráticos como eleições para escolha do nome do livro e dos personagens, além da criação coletiva da narrativa e dos desenhos que a acompanham. A iniciativa buscou valorizar a cultura local — marcada pela pescaria, samba, festas populares e a presença dos terreiros de candomblé — promovendo um diálogo intercultural que fortalece a identidade das crianças e de sua comunidade.

Esse tipo de prática contrasta com o papel tradicional dos livros didáticos na escola brasileira, os quais, segundo Silva (2000, p. 15), refletem uma relação de poder e são produzidos sob uma ideologia dominante que simplifica ou omite

as experiências de diversos segmentos sociais, especialmente os grupos étnicos marginalizados. Historicamente, o saber afro-brasileiro tem sido invisibilizado e silenciado pela mídia, pela escola e pelos próprios materiais didáticos, configurando uma educação eurocêntrica que valoriza predominantemente elementos culturais brancos e cristãos (Santana, 2014, p. 66).

Contudo, a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) trouxeram avanços significativos ao reconhecer a diversidade cultural brasileira e a necessidade de incluir esse debate nas práticas escolares (Santana, 2004, p. 15). Ainda assim, é fundamental que esses temas não fiquem restritos a projetos pontuais ou datas comemorativas, mas estejam incorporados nas atividades cotidianas da escola, em uma abordagem interdisciplinar que evidencie as relações étnicas e culturais presentes no ambiente escolar.

A educação das relações étnicas envolve um diálogo entre o professor, o estudante e os materiais didáticos. Cada um desses elementos traz consigo trajetórias, contextos e possibilidades que, quando articulados de forma crítica e sensível, podem transformar a escola em um espaço de reconhecimento e pluralidade.

As discussões aqui apresentadas dialogam com as pesquisas do Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE) e do Grupo de Pesquisa Educação e Relações Étnicas: saberes e práticas do Legado Africano e Indígena (CNPQ/UESB), reforçando a importância de práticas pedagógicas que valorizem os saberes afro-brasileiros e indígenas como parte essencial da reconstrução do currículo escolar e da identidade das escolas em territórios culturalmente marcados, como o Recôncavo da Bahia.

Assim, a Produção Literária Ludoétnica realizada na Escola Maria das Dores Alves, não apenas contribui para o resgate e valorização da cultura local de São Bento das Lajes, mas, também se apresenta como um caminho concreto para a descolonização da educação, promovendo a expressão, o protagonismo e a autoestima das crianças enquanto sujeitos sociais e culturais.

O contexto das Relações Étnicas e sua dinâmica relacional na educação brasileira

Pensar as relações étnicas está para além da discussão racial que impera nos movimentos negros desde a década de 70 no Brasil. A etnicidade é uma discussão que nas décadas de 50 e 70 foi base de discussão em países norte-americanos e franceses, muitos estudiosos buscavam apresentar um conceito que imprimisse um caráter a ela. Antes disso, Max Weber (1922) já apresentava uma breve contribuição ao abordar as Relações Comunitárias Étnicas, dando ênfase as relações consanguíneas, a comunhão étnica...

Mais adiante Barth avança em seus estudos e apresenta a etnicidade como fator de autoatribuição, pautada na tradição com símbolos identitários que definem um grupo e os diferencia de outros, favorecendo o realce das fronteiras.

Considerando o que Barth (2000) evidencia em suas contribuições, é preciso pensar como a etnicidade se apresenta na prática educacional, nas relações entre ensino e aprendizagem, expandindo as discussões para além do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, e possibilitando que a interdisciplinaridade se faça presente nos vários espaços e contextos educacionais. Nesse sentido, refletir sobre as formas pelas quais as identidades são construídas, negociadas e reafirmadas no cotidiano escolar exige reconhecer os sujeitos e os dispositivos pedagógicos que compõem esse processo.

Neste cenário, o processo educativo em relações étnicas configura-se como um diálogo dinâmico entre três atores fundamentais: o professor, com suas demandas, ideologias e contexto sociocultural; os livros didáticos, que trazem limitações e potencialidades; e os estudantes, portadores de suas culturas e identidades. A articulação entre esses elementos é fundamental para o exercício do respeito, da alteridade e da valorização da diversidade, permitindo que a educação deixe de ser um espaço de reprodução de desigualdades para se tornar um espaço de resistência e transformação social.

A partir dessa compreensão, entendemos que a prática pedagógica das Relações Étnicas se fortalece quando estruturada a partir de uma tríade fundamental: o professor, o estudante e o livro. Essa tríade não deve ser compreendida de forma hierárquica ou fragmentada, mas como um conjunto dinâmico e interdependente. O professor é o mediador crítico, que contextualiza os conteúdos e tensiona os saberes hegemônicos; o estudante é sujeito ativo do

processo, portador de identidades, memórias e culturas próprias; e o livro, enquanto recurso didático, pode tanto limitar quanto ampliar as possibilidades de construção de conhecimento. É na articulação viva entre esses três elementos — seus encontros, desencontros, silêncios e reinterpretações — que se abrem caminhos para uma educação antirracista, intercultural e decolonial. Essa tríade, portanto, representa o eixo central da prática educativa voltada para o reconhecimento das diferenças e a valorização da diversidade étnico-racial no cotidiano escolar.

A autonomia do professor em sala de aula é um fator determinante para o exercício de sua prática, sem estar atado ao que é imposto nos livros. Esta flexibilidade é uma mola propulsora que qualifica e intensifica as discussões acerca das Relações Étnicas.

O desafio está em integrar esses elementos para promover o respeito, a alteridade e o reconhecimento da diversidade cultural dentro da sala de aula, desta forma, apresento alguns pontos que contribuem para o realce das relações étnicas: a) O professor e sua relação com os conteúdos dos livros didáticos; b) O professor e sua relação com as identidades e diferenças dos estudantes; c) O professor e a visibilidade das Relações Étnicas.

Conforme Santana (2004, p. 16) os Parâmetros Curriculares sugerem que os docentes atuem com uma proposta de respeito às diversidades existentes no espaço da sala de aula; diversidades estas, compostas de docentes e alunos que diferem em suas formas de ver, sentir, pensar, comer, cultivar seus deuses.

Ao abordar as Relações Étnicas, não podemos perder de vista que, sua área de abrangência é o estudo das etnias, suas formações, lutas, conquistas, silenciamentos, legados, afirmações e pertencimentos. Sejam indígenas, africanos, europeus e demais etnias, o Brasil apresenta uma substantiva presença do legado africano que hoje estão presentes na vida e cotidiano do afro-brasileiro.

Segundo Santana (2014) afro-brasileiro é uma categoria analítica que agrega o sentido de mestiçagem, de identidades referidas na língua, na literatura, nas artes, nos mitos e nos ritos, e em tantos outros saberes que, aqui, entendemos pelo viés das relações étnicas apresentada pelos grupos que vivem na sociedade brasileira.

Tomando por base tal citação, não podemos pensar a prática pedagógica separada da realidade, uma vez que, o contexto brasileiro apresenta uma

diversidade de etnias e especificidades em cada uma delas, e os estudantes expressam tais diferenças nas suas relações estabelecidas na sala de aula. É nessa perspectiva, que o professor precisa estar atento e incluir tais elementos no contexto de sua prática pedagógica, num exercício contínuo estabelecendo links entre conteúdos trabalhados e experiências dos sujeitos partícipes da educação.

Santana (2014) afirma que “os elementos simbólicos presentes na totalidade da cultura brasileira indicam o que é real a cada grupo étnico. Realça e identifica mitos, ritos, língua, regras, isto é, apresentam o real significado e sentido de uma cultura”. (SANTANA, 2014, p.65)

As Relações Étnicas e a Produção Literária Ludoétnica na Escola Maria das Dores Alves

O professor - olhar, escuta e mediação crítica.

A partir das inquietações surgidas na prática docente e com o objetivo de articular as dimensões do professor, do estudante e do livro em uma proposta pedagógica significativa voltada às Relações Étnicas, foi idealizado um projeto coletivo de produção literária, desenvolvido em etapas organizadas e realizadas em dias previamente planejados. Cada fase da atividade foi conduzida com intencionalidade, iniciando-se com momentos de escuta sensível, levantamento de ideias e construção coletiva de sentidos, passando pela elaboração textual e gráfica da obra. A escolha do título do livro — precedida por diversas sugestões elaboradas pelos próprios estudantes — ocorreu por meio de práticas participativas, reafirmando o protagonismo infantil e o compromisso com uma prática dialógica.

A experiência de construção do livro foi um momento de grande aprendizado e crescimento para os estudantes e professores envolvidos. A oportunidade de trabalhar com a temática da comunidade e de valorizar sua cultura e história foi fundamental para a formação de uma consciência crítica e reflexiva sobre as questões étnico-raciais.

A escolha do título do livro por meio de práticas participativas foi um momento importante do processo, pois permitiu que os estudantes se sentissem protagonistas da sua própria história. Isso reforçou a ideia de que a educação

deve ser um processo de empoderamento e não apenas de transmissão de conhecimento, como afirma Tomaz Tadeu da Silva (2000), "a identidade é um processo de construção e reconstrução", e essa experiência demonstrou como a educação pode ser um processo de construção e reconstrução de identidades.

O percurso culminou em uma apresentação pública durante a Exposição do *Projeto VoArte*, iniciativa em rede, que reuniu escolas do município para socializar experiências pedagógicas. Na ocasião, os alunos da Escola Maria das Dores Alves encenaram uma peça teatral inspirada no livro, demonstrando profundo engajamento, criatividade e sentimento de pertencimento. Como desdobramento espontâneo e afetivo da vivência, os estudantes ainda compuseram um samba coletivo, sob orientação dos professores da turma, reafirmando a potência da articulação entre cultura, identidade local e expressão artística como eixos estruturantes de um fazer pedagógico comprometido com a educação decolonial. Neste texto, daremos enfoque especial à experiência de construção do livro, compreendendo-a como prática pedagógica decolonial e instrumento de valorização das identidades étnico-raciais no espaço escolar.

A apresentação pública do livro durante a Exposição do Projeto VoArte foi um momento de grande emoção e orgulho para os estudantes e professores. A encenação da peça teatral inspirada no livro demonstrou o profundo engajamento e criatividade dos estudantes, e reforçou a importância da arte e da cultura como ferramentas de expressão e transformação social. A composição do samba coletivo foi outro momento destacado da experiência, pois permitiu que os estudantes expressassem sua criatividade e identidade de forma lúdica e musical.

Essas ideias se alinham com a experiência inicial, que demonstrou como a prática pedagógica pode ser transformada para valorizar as identidades étnico-raciais e promover a decolonialidade no espaço escolar, como afirma Boaventura de Souza Santos (2010), "a educação é um processo de descolonização do conhecimento e da sociedade.

A criação do livro e a apresentação pública podem ser vistas como uma forma de reafirmação da identidade das crianças e da comunidade, valorizando sua cultura e história. A experiência pode ser vista como um exemplo de como a educação pode ser utilizada como uma ferramenta de empoderamento e

valorização das identidades étnico-raciais. A desconstrução de estereótipos e a promoção da diversidade são fundamentais para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, a prática pedagógica descrita pode ser vista como uma forma de educação crítica, que busca questionar e transformar as relações de poder e desigualdade que existem na sociedade.

Educação Ancorada no Território: A Experiência da Escola Três Marias

Situada no Bairro São Bento das Lajes, a Escola Três Marias é um conjunto de escolas: Escola Maria das Dores Alves, Maria Amélia Santos e Vera Maria Ferreira de Santana. As três escolas funcionam do 1º ao 5º ano do Fundamental I, no período Diurno e Educação de Jovens e Adultos, Noturno.

De acordo com as escutas informais realizadas na unidade escolar, a constituição das escolas que compõem o conjunto conhecido como Escola Três Marias ocorreu em momentos distintos, mas todas compartilham um elemento simbólico comum: a presença do nome "Maria". Essa coincidência nominal motivou os estudantes a escolherem, de forma democrática, o título do livro produzido coletivamente.

Mas afinal, quem foram as três Marias? De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a Escola Maria das Dores Alves foi inaugurada em novembro de 1976, em homenagem à professora homônima, natural do município de São Francisco do Conde, reconhecida por sua dedicação e criatividade, e que faleceu tragicamente em um acidente de barco em 1978.

No mesmo ano, foi inaugurada a Escola Maria Amélia Santos, cujo nome homenageia a primeira-dama do município à época, esposa do então prefeito Dr. Claudemiro Oliveira Dias, falecida em 2015. Já a Escola Vera Maria Ferreira de Santana, fundada em agosto de 1990, homenageia uma professora local que atuou com responsabilidade e zelo na educação municipal, vindo a falecer no mesmo ano.

A história dessas três escolas está, portanto, diretamente vinculada à memória de mulheres que marcaram a trajetória educacional do município e cuja presença simbólica inspirou, inclusive, o nome do livro construído coletivamente pelos estudantes. O processo de criação literária, fortemente ancorado na realidade local, envolveu também a valorização das memórias e personagens da

comunidade, como Dona Felícia — parteira, rezadeira e contadora de histórias —, além de pescadores, feirantes, merendeiras e familiares. A proposta pedagógica, ao considerar essas referências culturais no processo educativo, permitiu que os alunos narrassem suas vivências e representassem, em pequenos textos, o cotidiano do bairro, a vida escolar, a rotina após as aulas e a dinâmica da feira livre, reafirmando o compromisso da escola com uma educação comprometida com o território e com a valorização das identidades étnico-raciais.

Inicialmente, precisava conhecer o município em seus aspectos sócio históricos e culturais, para entender como as relações étnicas eram evidenciadas entre os diversos grupos e contextos da cidade. Inserida no bairro São Bento das Lajes, compreendeu-se aos poucos a dinâmica local por meio das falas das crianças, que narravam suas vivências e referências cotidianas — mencionavam a Escola Agrícola, a pescaria, a mariscagem, seus pais e avós, o samba, os terreiros de candomblé e a tradicional Festa de São Bento.

São Francisco do Conde é um município que está situado na Região Metropolitana de Salvador e também pertence ao Recôncavo Baiano, é banhada pelas águas da Baía de Todos os Santos que se encontra com os rios de águas da Baía de Todos os Santos e tem o manguezal como vegetação predominante.

São Francisco do Conde é um dos municípios baianos que tem a maior costa de manguezal do estado. Por ser um ambiente rico em nutrientes, o manguezal atrai muitas espécies marinhas. O caranguejo, o siri, a ostra e o aratu são consumidos e comercializados por muitas marisqueiras, tendo a atividade como principal fonte de renda.

Segundo IBGE 2022, o município tem uma população estimada de 40.932 pessoas, sendo que 49,9% se autodeclaram pretos, e 44,1% pardos; a principal fonte de renda é a extração do petróleo, no distrito de Mataripe, na refinaria Landulfo Alves, e os empregos vinculados à prefeitura. Já a população que mora no bairro São Bento, em sua maioria, vive da pesca e da mariscagem.

O cais de São Bento é o porto de chegada e saída de canoas e barcos, os pescadores e marisqueiras da comunidade dizem que aprenderam o ofício com os antepassados, e que, não querem que os filhos sigam a tradição do trabalho. Muitos são os motivos para que, não queiram que os filhos trilhem o caminho da pescaria. Um desses motivos é a fragilidade na saúde, muitas pessoas se

queixam de dores na coluna, dores nas articulações e problemas de pele. É uma atividade bem dura e requer muito esforço físico.

Nesse contexto, a Escola Três Marias se apresenta como um espaço educativo profundamente enraizado nas vivências e tradições da comunidade local, refletindo a história, os saberes e os modos de vida do povo de São Bento das Lajes. A valorização de personagens reais, a escuta sensível das memórias comunitárias e a articulação entre território e pedagogia constituem pilares centrais da proposta desenvolvida. Esse enraizamento territorial e cultural, longe de ser um pano de fundo passivo, tornou-se elemento ativo do processo educativo, impulsionando práticas que reconhecem a pluralidade étnico-racial como base para o desenvolvimento integral dos estudantes.

É nesse cenário que a sala de aula se configura como um verdadeiro laboratório de experimentações pedagógicas, onde a produção literária das crianças assume papel de destaque enquanto prática ludoétnica e decolonial.

O Estudante: Protagonismo, identidade e criação coletiva

As vivências das crianças da comunidade de São Bento das Lajes foram essenciais para a construção de uma proposta pedagógica que valorizasse suas experiências, saberes e pertencimentos. Ao observá-las e ouvi-las em sala de aula e nos momentos informais, tornou-se evidente que suas narrativas revelavam um rico repertório cultural vinculado ao território: a pesca, a mariscagem, os terreiros, o samba, a feira livre, a oralidade ancestral e a religiosidade popular.

Foi nesse contexto que surgiu, com envolvimento ativo dos estudantes do 4º ano B, a proposta de criação de um livro que dialogasse diretamente com as referências identitárias e culturais da comunidade. A mesma foi conduzida por meio de metodologias participativas: eleições democráticas para escolha do nome da obra, definição dos personagens, elaboração dos textos e ilustrações. A coletividade e a escuta foram fundamentais em todo o processo.

As crianças, enquanto protagonistas de suas histórias, escolheram nomear o livro como "A Moqueca das Marias", em alusão às três escolas que compõem a Escola Três Marias. Também decidiram incluir personalidades reais do bairro, promovendo a valorização de sujeitos que representam a resistência e a ancestralidade local.

A primeira ação extraclasse do projeto consistiu na realização de uma entrevista com uma anciã da comunidade, carinhosamente conhecida como Dona Felipa (*in memoria*) — parteira, rezadeira, contadora de histórias e sambadeira. Nascida em 1905, com 112 anos na época da entrevista (realizada em 31 de agosto de 2017), ela compartilhou memórias sobre sua trajetória de vida, desde a infância na zona rural até a chegada ao bairro de São Bento das Lajes, passando por sua relação com a natureza, os saberes tradicionais e os vínculos familiares. Avó de uma das estudantes participantes do projeto, sua presença inspiradora fortaleceu o vínculo afetivo das crianças com a proposta e reafirmou a importância de valorizar as vozes ancestrais da comunidade. A figura de Dona Felipa, como símbolo de resistência, cuidado e oralidade, tornou-se central na construção coletiva do livro e ao nome dado ao samba – “*Samba Maria Felipa*”.

Por escolha dos estudantes, outros personagens reais e representativos da comunidade foram incorporados à narrativa, como forma de homenagear figuras marcantes do território. Entre eles, destacam-se um senhor pescador, conhecido como o mais antigo da região; uma feirante de longa trajetória na feira livre local; um comerciante querido por todos; uma merendeira muito próxima dos alunos da escola; e a madrinha de uma das estudantes, reconhecida por sua participação ativa nas festividades do bairro. Esses personagens, mesmo que identificados por nomes afetivos ou simbólicos na obra, carregam em si a memória viva da cultura local e foram escolhidos pelas crianças por sua relevância nas histórias contadas em sala de aula e nos vínculos construídos ao longo do projeto.

Além da construção coletiva do livro e da valorização de personagens da comunidade, as crianças também redigiram pequenos parágrafos retratando aspectos do cotidiano, o que reforça a centralidade da vida comunitária na construção da identidade local. Essas produções textuais, elaboradas a partir de suas próprias vivências e observações, revelam uma infância ativa, consciente e produtora de saberes. Os textos expressam diferentes dimensões do pertencimento ao território, como a vida na escola, a rotina após as aulas, as características do bairro e a dinâmica da feira livre:

- A Escola Três Marias

“É um lugar bom para estudar, se divertir e também para aprender. Nela temos apresentações, teatro e livros para ler.”

- A vida após a aula

"Após a aula nós vamos para a quadra, brincamos, vamos para casa, tomamos banho e almoçamos. Depois escovamos os dentes e vamos para o Mais Educação. Quando saímos, voltamos para casa, brincamos de bicicleta, fazemos o dever de casa e vamos dormir."

- A vida em São Bento

"Aqui temos três bairros: Cais, Pista e Porto. São Bento é divertido, tem festas e todo mundo protege todo mundo." (A construção cartográfica ludoétnica do lugar, pelo olhar das crianças, impulsionam a nomear diferentes espaços do bairro, como 3 bairros).

- A Feira

"A feira mudou de lugar duas vezes. Antes era perto da rodoviária e agora é no Mercado do Peixe. As pessoas compram frutas, verduras e legumes, mas também vendem panos de prato, carne, peixe e alho macho, que é pequeno. As pessoas costumam fazer feira aos sábados e domingos."

Esses registros, produzidos coletivamente por estudantes do Ensino Fundamental I, demonstram como a escuta ativa e a valorização dos saberes infantis são fundamentais para uma prática pedagógica que reconhece a criança como sujeito de direitos e de cultura. Ao mesmo tempo, reafirmam o papel da escola como espaço de construção de identidades em diálogo com o território, a coletividade e as relações étnico-raciais.

A construção coletiva do livro "A Moqueca das Marias" é o exemplo prático dessa descolonização. Aqui, as crianças se tornam produtoras de cultura, expressando suas vivências no bairro, exercendo protagonismo e rompendo com a educação bancária de Freire, que trata o aluno como mero receptor passivo.

O contexto local e a identidade cultural são inter cruzadas como bases para a educação das Relações Étnicas, pois a abordagem interdisciplinar e democrática (eleição do nome, personagens, produção dos desenhos) parte do conhecimento da cultura local — samba, pescaria, terreiros, festas populares — e do contexto sociocultural de São Francisco do Conde, um município com forte presença afro-brasileira e comunidades quilombolas. Isso evidencia o valor do reconhecimento da diversidade e a importância de ancorar o ensino na realidade das crianças.

Além disso, a produção literária por crianças pode ser uma forma de resistência à colonização da infância, que tem sido marcada pela imposição de

modelos de pensamento e comportamento que não refletem as experiências e necessidades das crianças. Ao criar espaços para que as crianças produzam literatura, estamos promovendo uma educação mais libertadora e inclusiva.

O Livro “A Moqueca das Marias” e a prática pedagógica decolonial: A sala de aula como laboratório de produção literária ludo étnica

A produção literária por crianças constitui-se como uma potente ferramenta para o desenvolvimento de competências críticas e reflexivas. Segundo Paulo Freire (1987), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (p. 15). Nesse sentido, ao criarem suas histórias, as crianças não apenas expressam suas subjetividades, mas também constroem sentidos a partir das experiências concretas em seu território.

Além de promover habilidades cognitivas, a escrita infantil pode ser compreendida como uma forma de resistência à colonização da infância, marcada historicamente pela imposição de modelos culturais e epistemológicos alheios às vivências das crianças. Nas palavras de Bell Hooks (1994), “a educação é um ato de resistência, um ato de liberdade” (p. 12), o que torna a escrita autoral um caminho para a liberdade criativa e cultural.

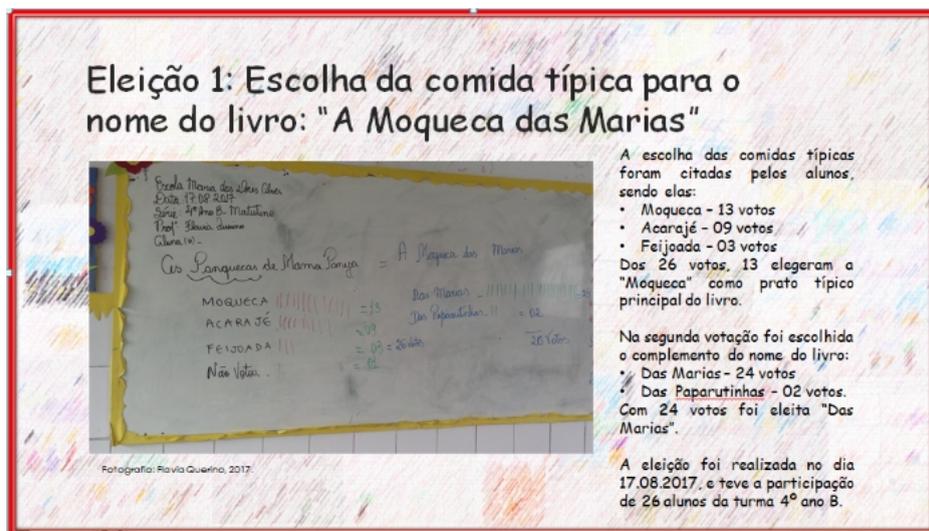
A experiência da turma com o livro *A Moqueca das Marias* representa, portanto, um exercício decolonial em sua essência. Todo o processo — desde a escuta das histórias locais, entrevistas, escrita coletiva, ilustração e revisão — foi pautado em práticas democráticas e no reconhecimento das culturas afro-brasileiras presentes em São Francisco do Conde.

Escolhas Coletivas e Saberes Partilhados: o processo de nomeação do livro

A construção do livro foi organizada em etapas participativas, valorizando o protagonismo estudantil em todas as fases do processo. Um dos momentos centrais dessa proposta foi a realização de eleições para a escolha do título da obra (Imagem 1), que ocorreram em 17 de agosto de 2017, com a participação de 26 estudantes do 4º ano B. Na primeira votação, os alunos foram convidados a eleger uma comida típica que representasse simbolicamente a narrativa. As opções foram sugeridas coletivamente e resultaram na seguinte distribuição: moqueca (13 votos), acarajé (9 votos) e feijoada (3 votos), sendo a moqueca o

prato escolhido como símbolo identitário da obra. Em seguida, foi realizada uma segunda votação para definir o complemento do título, com as alternativas "Das Marias" e "Das Paparutinhas", obtendo 24 e 2 votos, respectivamente. Assim, consolidou-se o título *A Moqueca das Marias*, expressão que sintetiza tanto os elementos da cultura alimentar local quanto a homenagem às três escolas que integram o complexo educacional. Tal metodologia reafirma o compromisso com uma prática pedagógica democrática, sensível às vozes infantis e à construção coletiva do conhecimento.

IMAGEM 1 - Eleição 1: Escolha da comida típica para o nome do livro



Fonte: Banco de Dados dos Autores (2017)

A elaboração do livro *A Moqueca das Marias* foi conduzida a partir de práticas pedagógicas interdisciplinares e sensíveis ao contexto sociocultural da comunidade, configurando-se como uma experiência formativa integrada à vida escolar e ao território. O processo de criação envolveu múltiplas linguagens e expressões artísticas, organizadas em etapas metodológicas que favoreceram a escuta, a autoria e o protagonismo estudantil. Inicialmente, os estudantes participaram da construção da narrativa, com base em suas memórias, vivências e referências locais, compondo a história de forma coletiva. Em seguida, dedicaram-se à produção dos desenhos que ilustram a obra, compondo uma dimensão visual que reforça o vínculo entre texto, identidade e imaginação. Como desdobramento da narrativa, foi encenada uma peça teatral baseada no enredo do livro, apresentada à comunidade escolar como forma de ampliar os sentidos do projeto e promover a oralidade, a expressividade e o trabalho

uma exposição na Escola Três Marias. A história tem início com o anúncio da festa escolar e o desejo das personagens — inspiradas em figuras reais da comunidade — de preparar um prato típico para o evento. A partir daí, inicia-se uma mobilização que envolve diferentes gerações: mães, filhas, vizinhos, pescadores, feirantes e merendeiras, que, em rede de colaboração, contribuem com ingredientes e afetos para a composição do prato. A narrativa valoriza a cultura alimentar local, os vínculos comunitários e a importância do trabalho coletivo, ao mesmo tempo em que evoca elementos simbólicos do bairro São Bento das Lajes, como a feira livre, o pé de amêndoas, o uso de panelas de barro e os saberes compartilhados entre mulheres. O livro, ilustrado pelas próprias crianças, expressa de maneira sensível a vivência territorial dos estudantes e revela como a produção literária pode ser uma prática pedagógica decolonial, ancorada na realidade, nas memórias e nas identidades da comunidade escolar.

Embora a receita da moqueca de peixe não esteja registrada literalmente no livro *A Moqueca das Marias*, sua presença simbólica atravessa toda a narrativa e motivou as crianças a realizarem uma investigação junto à comunidade escolar para descobrir como o prato é tradicionalmente preparado. Essa iniciativa espontânea e colaborativa revela a potência do projeto como prática pedagógica interdisciplinar, articulando oralidade, cultura alimentar e pesquisa no cotidiano escolar. A escuta das merendeiras, familiares e moradores do bairro resultou na sistematização da receita a seguir, construída a partir dos relatos coletados pelas próprias crianças. Ao transcrevê-la, reafirma-se o valor dos saberes populares e da culinária tradicional como formas legítimas de conhecimento e como parte do patrimônio imaterial da comunidade.

Receita da Moqueca de Peixe

Ingredientes: tomates, coentro, limão, cebola, alho, pimentão, azeite de dendê e peixe.

Modo de preparo: tratar e limpar o peixe. Em seguida, lavar com limão e sal, deixando-o repousar por alguns minutos em água. Dispor os temperos ralados sobre o peixe em uma panela de barro e levar ao fogo. Cozinhar por aproximadamente 30 minutos.

Sugestões para servir: pode ser acompanhada de arroz, pirão, feijão ou conforme o gosto de quem prepara.

A moqueca, mais que alimento, é metáfora viva das etnicidades que compõem o tecido social brasileiro. Em sua preparação — que reúne saberes transmitidos por gerações, ingredientes locais e gestos herdados — encontra-se a expressão concreta de identidades construídas na fronteira entre tradição e reinvenção. Cada camada de tempero, cada cheiro e cada cor compõem uma narrativa coletiva, onde cultura, memória e pertencimento se misturam como num prato que carrega, em si, o sabor de uma história ancestral. Assim como as etnicidades, a moqueca não é essência fixa, mas construção simbólica, marcada pelo encontro, pela diferença e pela partilha.

A produção literária ludoétnica como prática pedagógica decolonial: diálogo com Fredrik Barth

Na perspectiva de Fredrik Barth (2000), a etnicidade não é uma condição estática, mas uma construção relacional que se dá nas interações entre grupos. Aplicada ao espaço escolar, essa abordagem reconhece que as identidades das crianças são moldadas cotidianamente por símbolos, práticas e discursos que circulam em seus contextos sociais.

A produção literária, neste cenário, permite a visibilização, afirmação e negociação dessas identidades culturais, transformando o espaço escolar em território de escuta e valorização da pluralidade. Ao criarem histórias baseadas em suas vidas, as crianças rompem com o silêncio histórico imposto às infâncias periféricas e racializadas, afirmando-se como sujeitos históricos e culturais.

Esse tipo de prática pedagógica exige, por parte do professor, um compromisso ético com a escuta sensível, a valorização das singularidades e a criação de ambientes inclusivos. Oficinas de escrita, rodas de leitura e projetos autorais são estratégias eficazes para posicionar as crianças no centro do processo educativo, como produtoras de conhecimento.

Entre os principais benefícios da produção literária ludoétnica no contexto educacional, destacam-se aspectos fundamentais para a formação integral dos estudantes. Tal prática pedagógica estimula a criatividade e a autoria, ao permitir que as crianças elaborem narrativas próprias, ancoradas em suas vivências e repertórios culturais. Simultaneamente, promove a valorização da

diversidade étnico-cultural, reconhecendo e incorporando múltiplas vozes e experiências nos processos de ensino-aprendizagem. Além disso, contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência social, ao favorecer reflexões sobre identidade, território e pertencimento. A abordagem também se mostra eficaz na desconstrução de hierarquias epistemológicas coloniais, ao legitimar saberes tradicionalmente marginalizados no ambiente escolar. Por fim, fortalece os vínculos identitários dos estudantes com suas comunidades, promovendo um sentido ampliado de pertencimento e protagonismo no processo educativo.

Por fim, em diálogo com Barth, compreendemos que as fronteiras étnicas, quando compreendidas como espaços de contato, contribuem para uma educação intercultural, democrática e transformadora. A escola que permite e promove tais práticas torna-se, assim, um território de resistência, de criação e de justiça social.

CONSIDERAÇÕES

A experiência pedagógica apresentada neste trabalho evidencia que a descolonização da educação não pode ser compreendida apenas como um conceito abstrato ou teórico, mas como uma prática concreta, construída cotidianamente nas relações entre educadores, estudantes, territórios e saberes historicamente silenciados. A proposta de produção do livro *A Moqueca das Marias*, realizada na Escola Maria das Dores Alves, demonstrou como práticas curriculares situadas, sensíveis à cultura local e abertas à escuta ativa das infâncias podem subverter lógicas escolares tradicionais e promover processos educativos mais democráticos, plurais e emancipatórios.

Ao integrar elementos do cotidiano e da memória coletiva da comunidade de São Bento das Lajes — como o samba, a mariscagem, a religiosidade popular e as histórias familiares —, as crianças não apenas participaram ativamente da construção do conhecimento, como também se reconheceram como sujeitos históricos, produtores de cultura e pertencentes a um território. Essa vivência reforça a centralidade de metodologias que reconheçam o contexto sociocultural dos educandos e promovam o protagonismo infantojuvenil como eixo estruturante do processo pedagógico.

A partir das reflexões teóricas mobilizadas — especialmente os estudos de Boaventura de Sousa Santos, Tomaz Tadeu da Silva, Fredrik Barth e Marise de Santana —, torna-se evidente que os livros didáticos, embora ainda relevantes no cotidiano escolar, tendem a reproduzir epistemologias hegemônicas e a invisibilizar saberes afro-brasileiros, indígenas e locais. Nesse cenário, o papel do professor ganha potência ao assumir a tarefa de tensionar essas lacunas, promovendo práticas interdisciplinares, críticas e eticamente comprometidas com a diversidade.

A tríade composta por educador, estudante e livro precisa ser compreendida como um circuito dinâmico e relacional, sustentado por princípios de respeito mútuo, escuta qualificada e valorização das múltiplas vozes que habitam o espaço escolar. A descolonização do currículo implica, necessariamente, a incorporação de narrativas ancestrais, a valorização da oralidade como forma legítima de conhecimento e o reconhecimento das experiências comunitárias como parte integrante do processo educativo.

Por fim, destaca-se que essa proposta não se encerra como produto, mas se projeta como processo contínuo, provocador de novas possibilidades pedagógicas. Trata-se de um convite à reinvenção da escola enquanto espaço de resistência, afeto e criação coletiva — uma escola que reconheça e valorize as infâncias negras e quilombolas, e que se comprometa com uma educação antirracista, decolonial e verdadeiramente transformadora.

REFERÊNCIAS

BARTH, FREDRIK. *Grupos étnicos e suas fronteiras: a organização social da diferença cultural*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *São Francisco do Conde (BA)*. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/sao-francisco-do-conde.html>.

Acesso em: 03 jul. 2025, às 21h41.

FREIRE, PAULO. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

HOOKS, BELL. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SANTANA, MARISE DOS SANTOS. *Educação das relações étnicas: saberes e práticas do legado africano*. Salvador: EDUFBA, 2014.

SANTANA, MARISE DOS SANTOS. *Educação, diversidade e africanidades: construindo saberes no cotidiano escolar*. Salvador: CEAO/UFBA, 2004.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. *Descolonizar o saber, reinventar o poder*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SILVA, TOMAZ TADEU DA. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, TOMAZ TADEU DA. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000

WEBER, MAX. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991. 2 v.